

O TRABALHO EM EQUIPE E A EXPLORAÇÃO CAPITALISTA: REFLEXÕES SOBRE AS INFLUÊNCIAS DO TOYOTISMO NA EDUCAÇÃO

Autor: José Cândido Rodrigues Neto (1); Coautora: Maria Aparecida da Silva Bezerra (2); Orientador Valmir Pereira (3)

(1) - *Universidade Federal da Paraíba* - jcrneto13@gmail.com; (2) - *Universidade Estadual da Paraíba* - Mariabezerra06@gmail.com; (3) - *Universidade Estadual da Paraíba* - provalmir@gmail.com;

Resumo: Partindo do pressuposto marxista de que em nossa sociedade existe um dualismo de classes, onde de um lado há uma elite dominante que detém os meios ideológicos e de produção, e de outro lado há uma classe trabalhadora explorada que vende sua força de trabalho a baixo custo, é possível extrair como consequência lógica disto que esse antagonismo de classes se estende para a educação, criando assim, um dualismo educacional, mantido por dois tipos de escola: aquela que forma a classe operária para o mercado de trabalho, e outro tipo de escola, destinado a formar as elites, para que estas mantenham o domínio intelectual na sociedade capitalista. Partindo deste pressuposto e tendo em vista que o toyotismo é o modelo de produção em voga, investigaremos as seguintes questões acerca das influências do Toyotismo na educação: como se produz mão de obra para suprir as necessidades e demandas impostas por este modelo? E como as exigências do modelo Toyota se refletem no campo educacional? Quais práticas escolares e educacionais evidenciam a adequação de uma preparação aos moldes do toyotismo? Para realizar esta empreitada recorreremos a uma pesquisa bibliográfica e de revisão de literatura que terá como referencial teórico alguns conceitos do pensamento Marxista, principalmente a noção de antagonismo de classes, presente no *Manifesto do partido comunista*, escrito por Karl Marx e Friedrich Engels. Também utilizaremos o texto intitulado *O trabalho como princípio educativo frente as novas tecnologias*, escrito por Dermeval Saviane, onde este autor trabalha com a noção de dois tipos de escola, refletindo o antagonismo de classes. Além disso, utilizaremos autores que escreveram sobre os impactos do modo de produção Toyotista na educação, como Pinto, Melo e Santos. Sendo assim, começaremos explicitando a existência do antagonismo de classe e de como este se reflete na educação, para isto recorreremos a Saviani e aos conceitos do pensamento marxista. Em seguida apontaremos alguns dos impactos do toytismo na educação, utilizando Pinto e outros autores que estudaram este tema. E por fim pontuaremos algumas práticas educativas que explicitam uma possível educação voltada para atender as demandas de produção do sistema capitalista e do modelo Toyotista. Portanto, esperamos suscitar um profícuo debate em torno do tema aqui proposto, oferecendo ferramentas críticas para pensar as práticas educativas da contemporaneidade, que é marcada pela exploração do trabalho assalariado e pelas inúmeras injustiças sociais, das quais nosso país é abundante em exemplos.

Palavras-chave: Educação, capitalismo, toyotismo.

1. Introdução

Levando-se em consideração que o toyotismo é o paradigma produtivo implantado na sociedade vigente, se faz necessário refletir quais são as implicações disto para a educação escolar, tendo em vista que os discursos hoje em voga atribuem a ela a tarefa de preparar os indivíduos para o mercado de trabalho e para a cidadania. Este tipo de discurso está inserido na perspectiva de uma sociedade que apresenta uma divisão de classes, que é explicitada de diversos modos, sendo a educação um deles. Assim, temos dois tipos de educação: uma que prepara mão de obra para o sistema capitalista e outra que desenvolve as diversas potencialidades do indivíduo, preparando-o para as atividades intelectuais. Sendo que a primeira é destinada às classes menos favorecidas economicamente e a segunda é destinada às classes mais abastadas e detentoras do domínio económico e ideológico. Desse modo este antagonismo de classes:

[...] marca a questão educacional e o papel da escola. Quando a sociedade capitalista tende a generalizar a escola, esta generalização aparece de forma contraditória, porque a sociedade burguesa preconizou a generalização da educação escolar básica. Sobre esta base comum, ela reconstitui a diferença entre as escolas de elite, destinadas predominantemente á formação intelectual, e as escolas para as massas, que ou se limitam à escolaridade básica ou, na medida que têm prosseguimento, ficam restritas a determinadas habilitações profissionais. (SAVIANI, 1994, p.159)

Desse modo, se existe dois tipos de educação e uma delas visa formar mão de obra qualificada, para assim perpetuar esta situação de exploração, esta mão de obra preparada precisa estar apta para suprir as demandas do paradigma de produção vigente no mundo capitalista. Este é o modo de produção toyotista, que está baseado em uma produção flexível. Destarte, se o toyotismo é o modelo de produção em voga, como produzir uma mão de obra para suprir as necessidades deste modelo? E como estas exigências, do modelo Toyota, se refletem na educação? Quais práticas escolares e educacionais evidenciam a adequação de uma preparação aos moldes do toyotismo? Esta são algumas das questões que procuraremos discutir ao longo deste artigo.

2. O toyotismo e o trabalho em equipe

O Toyotismo caracteriza-se pela flexibilidade da produção. Neste modelo se produz apenas o necessário, reduzindo assim os estoques e o desperdício de material. A ideia aqui é maximizar a capacidade produtiva e o tempo gasto para se produzir, garantindo, assim, maiores lucros. O modelo Toyota traz consigo uma modificação nas relações de trabalho, exigindo uma maior qualificação por parte do trabalhador, neste contexto ele precisa estar apto para exercer mais de um tipo de função,

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br

tornando-se assim polivalente. Com o intuito de ganhar tempo e eliminar o “tempo morto”, o toyotismo adota o trabalho em equipe, sendo este monitorado por um líder.

Essas características passam ao trabalhador a impressão de que ele está sendo mais participativo, entretanto, ainda prevalece aqui a exploração que o trabalhador sofre por parte do sistema capitalista. Sua força de trabalho é alienada e as empresas lucram através da mais-valia, que é o excedente de valor produzido pelo trabalhador e que vai muito além dos gastos com a sua força de trabalho. Este excedente é apropriado pelo burguês dono do meio de produção onde o operário trabalha. A mais-valia é uma das formas pelas quais o sistema capitalista se perpetua e se mantém funcionado às custas do trabalho explorado e alienado. Não fossem a mais-valia e a exploração do trabalho alienado, os trabalhadores deveriam receber salários bem melhores, pois aquilo que produzem vale mais do que aquilo que ganham. Sendo assim, no modelo capitalista o salário dos trabalhadores não corresponde àquilo que eles produzem, e estes acabam recebendo salários inferiores ao que realmente deveriam receber. É esta situação de exploração que propicia os grandes lucros da classe burguesa e, por isso, esta classe busca manter tal situação.

Sendo assim, a “[...]condição essencial para a existência e para a dominação da classe burguesa é a acumulação da riqueza nas mãos de particulares, a formação e o aumento do capital; a condição da existência do capital é o trabalho assalariado.” (ENGELS, MARX, 2007, p.60-61). Aquilo que o operário recebe por seu trabalho é o mínimo que ele necessita para que conseguir suprir suas necessidades mais básicas e vitais, este salário escamoteia a exploração presente no sistema capitalista, pois o valor de custo de um trabalhador para seu empregador é absurdamente menor que o valor que ele produz com o seu labor, este excedente de valor produzido pelo trabalhador é apropriado pelo burguês sob a forma de mais-valia.

No toyotismo também há uma forte competitividade entre os trabalhadores, aumentando, assim, a capacidade produtiva das empresas. Dentro da lógica de trabalho em equipe cada operário age como supervisor da produção de seu próprio grupo. Um dos objetivos visados pelo toyotismo com a implementação do trabalho em equipe é a diminuição da força de trabalho ociosa. A divisão de grupos de trabalhos (células) permite que a produção se dinamize, pois agora espera-se que cada trabalhador seja polivalente para assim poder contribuir com o aproveitamento de sua equipe. A cada equipe é atribuída uma responsabilidade com determinada demanda de

produção, e se esta não for cumprida a equipe inteira é responsabilizada. Assim, em cada equipe cada membro acaba se tornando um supervisor de seu companheiro. Desse modo, em cada célula:

Gerou-se um sistema de “gerencia pelo estresse”. Cada célula é responsabilizada pelo cumprimento de metas estabelecidas pela gerencia, decidindo com isso como distribuir as atividades de trabalho internamente entre os membros. Contrariamente ao sistema taylorista/fordista, a ideia é fazer que cada trabalhador conheça e compreenda, tanto quanto possível, o funcionamento dos postos e de toda célula e, se necessário, também de outras células. (PINTO, 2013, P.75)

Deste modo, percebemos que o trabalho em equipe é estratégico para o funcionamento do modelo toyotista. Pois além de dinamizar a produção e eliminar o trabalho ocioso, decorrente da divisão de trabalho, instaura um rigoroso controle de qualidade que é garantido pela própria supervisão das equipes de trabalho. Assim passa-se a ideia de que o trabalhador participa de forma efetiva nos rumos da empresa e de que tem uma autonomia, desta forma acoberta-se a real situação de exploração. Sobre isto é dito que:

O processo de aumento da exploração do trabalho aparece travestido por uma ideia de maior autonomia do trabalhador. Desse modo, o operário se percebe como alguém que está controlando o processo produtivo. Além de aumentar a produtividade do trabalho, a estratégia capitalista objetiva angariar o consentimento passivo do trabalhador frente às inovações na organização do trabalho, o que implica em novas formas de subordinação do trabalho ao capital, principalmente pelo engajamento do trabalho na produção. (SANTOS, 2011, p.146)

Tendo em vista que o trabalho em equipe garante o funcionamento do modelo de produção Toyota, a formação de força de trabalho para suprir as demandas desse sistema é atribuída à escola, pois ela é responsável pela formação para o mercado de trabalho. Sendo assim, inúmeras práticas e estratégias do toyotismo são incorporadas pela formação escolar, com o intuito de preparar trabalhadores adaptados às exigências desse modelo. Para que estes sejam as engrenagens que movimentarão a máquina capitalista, e desse modo perpetuar as explorações decorrentes desse sistema.

3. Toyotismo na escola

A escola, como reprodutora da sociedade, adquire as práticas e as normas que o meio social impõe, ou seja, interioriza e reproduz este modelo. Essa observação se faz importante para o presente trabalho por ser a premissa que introduz o motivo das escolas terem características de modelos de produção que surgiram no século XX e que desde então se

mantém nos diversos âmbitos escolares.

Um modelo de produção que é ainda encontrado, com mais frequência, nas escolas é o modelo Toyota, que possui regras que são características de modelos de produção que visam um maior acúmulo de capital em menor tempo (*just-in-time*). Neste modelo a cooperação em grupo é de extrema importância, por gerar mais lucro e valorizar o tempo, que se perdia antes quando um operário era responsável por apenas uma função. Assim alguns discursos, pretensamente inofensivos pregam a pedagogia da cooperação, sugerindo que a escola tem:

Em suas mãos a oportunidade de ensinar o que é mais importante para os alunos: adquirirem habilidades e aptidões que serão úteis para a vida e para o mercado de trabalho. A escola precisa ensinar cooperação. E a melhor maneira de fazê-lo é através de modelos de trabalhos em cooperação dentro de sala de aula. (CARVALHO, 2000, p. 16. apud ASSIS, 2004, p.8)

A escola reproduz este modelo a partir do momento em que, como no modelo Toyota, ela incentiva para que o educando se torne polivalente e desenvolva múltiplas capacidades, que serão úteis para o trabalho em equipe, presente no modelo de produção das fábricas e indústrias.

Assim como no início do século XX, atualmente as classes mais economicamente privilegiadas recebem uma melhor educação, pois recebem uma educação que lhe prepara para desenvolver as diversas atividades intelectuais, formando-os para serem a elite hegemônica que perpetuará o modelo capitalista. Para a classe trabalhadora é oferecida uma educação que os forma para serem mão de obra barata e explorada, para que continuem alienados das reais condições de exploração em que se encontram. Assim, a educação oferecida para os trabalhadores é destituída de criticidade, pois desta maneira a elite burguesa passará a ter o controle ideológico sobre os explorados, não oferecendo chances para que estes possam agir e transformar a realidade em que estão mergulhados. Tendo em vista que:

Os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes; em outras palavras, a classe que é o poder material dominante numa determinada sociedade é também o poder espiritual dominante. A classe que dispõe dos meios da produção material dispõe também dos meios da produção intelectual, de tal modo que o pensamento daqueles aos quais são negados os meios de produção intelectual está submetido também à classe dominante. (MARX; ENGELS, 2007, p. 48 apud MACHADO, 2010, p.52)

Com efeito, a classe burguesa como sendo detentora dos bens materiais também estende seu poder para o plano ideológico e com isto torna-se detentora da maior parte da produção intelectual. É justamente este domínio duplo

que as elites burguesas buscam manter para si, mantendo-se como classe hegemônica tanto no plano material como no plano intelectual. Uma das formas para que isto ocorra é por meio da divisão do ensino, para que a escola pública ofereça apenas aquilo que o filho do proletariado precisa para também se tornar trabalhador assalariado

Essa educação que é influenciada pelo toyotismo acaba excluindo as chances dos indivíduos mais humildes serem possuidores dos mais variados tipos de conhecimento, e também corta as esperanças de um emprego que lhe faça gostar do que faz, ou seja, este tipo de educação direciona o homem para um fim, sem se importar com o seu conhecimento adquirido e suas aptidões.

Podemos identificar traços do toyotismo nas escolas quando o professor divide a turma em grupos para realizar alguma apresentação, que na maioria dos casos seria tarefa dele, e acaba influenciando para que haja práticas que promovem a divisão de saberes. Ao ser estabelecida uma atividade em grupo, os alunos dividem o conhecimento em partes, tornando o saber fragmentado, pois raramente um aluno terá adquirido o conhecimento que o outro adquiriu, cada um estuda o que lhe convém para receber o reconhecimento por tal feito. Na divisão em equipe não há, na realidade, uma partilha mútua de conhecimento, isto se mantém apenas no plano ideológico, cada um reproduzirá apenas o que irá lhe beneficiar nas avaliações curriculares, estando aí presente também a competitividade, característica própria do toyotismo. O aluno precisa ser o melhor possível em sua atividade para ultrapassar seu colega, que agora se torna seu adversário, e ganhar um maior reconhecimento.

Diante do que foi exposto, podemos perceber que escola acaba se tornando uma mera servidora do sistema capitalista, formando indivíduos para um determinado modelo de produção. Algumas estratégias destes modelos são incorporadas pela escola, com o intuito de preparar os indivíduos para as exigências do trabalho e tendo em vista que o modelo toyotista é o que vigora no capitalismo atual, então os alunos da escola pública serão preparados justamente para servirem a este modelo. É justamente por isto que algumas práticas que se assemelham ao toyotismo ganham espaço na escola pública. Uma destas estratégias é o trabalho em equipe, que é uma forma encontrada pelo Toyotismo para obter mais lucro em menos tempo, com redução de gastos. Portanto, a escola que é oferecida às classes menos abastadas não visa formar intelectualmente os indivíduos, mas, visa formar uma classe trabalhadora explorada. Logo, esta escola não oferece condições emancipatórias aos

educandos, mas, apenas reproduz as condições exploratórias impostas pelo sistema capitalista.

4. Conclusão

Mais que abordar um modelo de produção é importante relacionar as práticas que tal modelo apresenta em determinadas instâncias e mais que isso verificar as influências que tais práticas exercem na vida dos indivíduos que dependem dessas instâncias. Levando-se em consideração que o toyotismo é o paradigma produtivo da sociedade vigente, se faz necessário refletir quais as implicações disto para a educação escolar, tendo em vista que os discursos hoje em voga atribuem a ela a tarefa de preparar os indivíduos para o mercado de trabalho.

Assim como no início do século XX, ainda hoje os filhos dos mais favorecidos economicamente recebem uma melhor educação, pois recebem uma educação que lhe prepara para todos os diversos âmbitos intelectuais, este são preparados para exercerem os melhores cargos e perpetuarem a exploração do sistema capitalista. Em contrapartida a isso, a escola pública que é responsável por formar os filhos dos trabalhadores incorpora diversas estratégias que visam formar uma massa de indivíduos alienados, para que estes tornem-se mão de obra alienada que manterá a exploração do sistema vigente.

Destarte, inúmeras práticas e estratégias do modelo toyotista são incorporadas pela formação escolar. O trabalho em equipe na sala de aula é uma destas práticas que se alinham à estrutura de funcionamento do toyotismo, e que têm como intuito preparar trabalhadores adaptados às exigências desse modelo, para que estes se tornem trabalhadores com desenvoltura e hábeis no modelo de produção das fábricas. Estes trabalhadores deverão ser as engrenagens que movimentarão a máquina capitalista, para deste modo perpetuar as explorações decorrentes desse sistema. A escola ao se alinhar a esta proposta de formação para o trabalho, acaba sendo uma veiculadora de ideologias que permitem a manutenção das explorações já apontadas neste texto. Sendo assim, concluímos que a escola ao incorporar estratégias que atendem ao mercado, acaba sendo apenas uma mera reprodutora das explorações decorrentes da divisão de classes, ao invés de ser a responsável pela formação intelectual e crítica dos indivíduos.

REFERÊNCIAS:

ASSIS, M.M. da, PADILHA, A. M. L., **Pedagogia da cooperação: a cartilha Toyotista na educação.**

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br

2004. Disponível em: < www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1221/1035 >
Acesso em: < 01 de Dezembro. 2014: 23:04:55 >

COSTA, C. **Sociologia**: Introdução à ciência da sociedade. São Paulo: Moderna, 2005.

DROIT, R-P. Marx e o mundo de cabeça para baixo. In: _____. **Filosofia em cinco lições**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2012.

HOBSBAWM, E. J. **Mundos do trabalho**: Novos estudos sobre a história operária. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

JOHNSTON, D. Karl Marx: a marcha da história. In: _____. **História concisa da Filosofia**: de Sócrates a Derrida. São Paulo: Rosari, 2008.

LESSA, S. **Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo**. São Paulo: Cortez, 2007

MACHADO, S. B. A ideologia de Marx e o discurso de Foucault: convergências e distanciamentos. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 12, nº 23, p. 46-73, 2010. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/soc/n23/04.pdf> > Acesso em 10/03/2017.

MAGALHÃES, F. **10 lições sobre Marx**. Petrópolis: Vozes, 2015.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do partido comunista**. São Paulo: Escala, 2007.

MELO, A. **Para a crítica de uma “pedagogia toyotista” primeiras aproximações**. Disponível em: < www.unicentro.br/pesquisa/anais/seminario/.../aut_70000000.htm >. Acesso em < 27 de Novembro. 2014: 19:46:33 >

PACIEVITCH, T. **Toyotismo**. InfoEscola. Disponível em: < [www.infoescola.com > Economia > Indústria](http://www.infoescola.com/Economia/Industria) > Acesso em < 27 de Novembro. 2014: 19:56:53 >

PAULO NETTO, J. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: expressão popular, 2011.

PINTO, G. P. **A organização do trabalho no século 20: Taylorismo, Fordismo e Toyotismo**. São Paulo: Expressão popular, 2013.

SANTOS, P.R. F. dos,. **A intensificação da exploração da força de trabalho com a produção flexível: elementos para o debate**. 2011. Disponível em: < osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/8_OSQ_25_26_Santos.pdf > Acesso em: < 01 de Dezembro. 2014: 22:26:43 >

SAVIANE, Dermeval. O Trabalho Como Princípio Educativo Frente as Novas Tecnologias. In: FERRET, João Celso. Et al. **Novas Tecnologias, Trabalho e Educação: Um Debate Multidisciplinar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 151-167.